

17. Incêndios Caseiros

o u2 insulta phil collins e seus próprios pais / as origens de adam / espetando a penúltima batata / os virgen prunes se reúnem sem os instrumentos / lendas de mannix / uma audiência com os antepassados de Edge

O U2 RETORNA à Dublin para o inverno a tempo de fazer uma conexão de TV via satélite com Los Angeles, onde Phil Collins está apresentando a cerimônia de entrega de prêmios da Billboard Music Awards. Quando Collins anuncia que o U2 ganhou o prêmio de 1991 de Artista de Rock Número Um da Billboard, entra, ao vivo, uma conexão via satélite com um pub em Dublin chamado “The Docker”, onde Adam, Bono, e Edge estão bebendo Guinness e parecem meio altos.

“Bom trabalho, rapazes!” Collins gritou do outro lado do oceano.

“Olá, Phil”, murmura o U2. São 1:30 da madrugada em Dublin e os moradores locais ainda estão surpresos por verem um trailer de mais de 12 metros e uma antena de satélite de 6 metros estacionado em frente ao pequeno pub.

“Sua música ‘One’ ganhou o prêmio Faixa Número Um de Rock Moderno”, Collins anuncia. “Bono, todo mundo diz que é sempre você quem fala. Eu quero saber onde está Larry. Larry está aí? Vamos dar ao baterista uma chance”.

“Larry não está aqui, Phil”, Edge diz ao baterista-transformado-em-cantor. “Ele tem agido um pouco estranho esses dias. Você sabe como os bateristas começam a ficar esquisitos quando começam a cantar”.

“Eu entendo”, diz Collins, seguindo adiante. “A turnê Zôo TV também ganhou o prêmio da Billboard de Turnê do Ano Número Um, o que significa que mais pessoas gastaram mais dinheiro para ver vocês do que para ver qualquer outro artista. Portanto, se vocês precisarem de alguém para a abertura dos shows, eu estou aqui, pessoal. Eu acredito que o barman, Paddy, irá entregar-lhes os prêmios.”

O barman de cabelos brancos finca um troféu na frente de Adam, que diz à câmera: “Phil, Paddy é um grande fã de sua música. Assim como todos os nossos pais”.

“Eu não sou tão velho”, resmunga Paddy, fazendo com que muitos no bar comecem a rir. Collins começa a insinuar que a banda esta bêbada, mas Bono o interrompe, sorri e diz: “É realmente muito bom estar em casa e nós tivemos um grande ano e todos nos mimaram muito. Então, muito obrigado, nós realmente apreciamos tudo isso”.

“Nós previmos que vocês não poderiam estar sóbrios a essa hora da noite”. Collins diz, “então, nós nos juntamos...”

Bono, sentindo-se mal por conta do insulto de Adam, interrompe Collins novamente, dessa vez para atender um telefone tocando. “Desculpe, Phil, eu tenho George Bush ao telefone aqui. Não tenho conseguido pregar o olho, ele tem me ligado desde que eu voltei para casa. Nós encontraremos um emprego para ele em algum lugar”.

“Vamos rolar o clip”, Collins diz, e uma montagem dos principais momentos da Zoo TV Tour aparece. Juntamente com as estatísticas (“A Zoo TV utilizou 4 megas telões de vídeo, 4 telas de TVs Philips, 36 monitores de vídeo, 18 projetores, 12 reprodutores de laser disk... , 1 antena de satélite, 1 seletor de canais, 1 vídeo profissional, 11 quilômetros de cabos. O palco da Zoo TV tinha 75 metros de largura e 24 metros de profundidade com a rampa para o palco B de aproximadamente 46 metros de comprimento. O cenário incluía 11 carros Trabant usados como canhões de luz. O sistema de som (P.A.) incluía 176 caixas de alto-falantes usando mais de um milhão de watts de potência e pesando mais de 30 toneladas. A Zoo TV foi vista, ao vivo, por mais de 3.000.000 de pessoas que compraram mais de 600.000 camisetas.”) e imagens do show, há trechos de uma entrevista da MTV que o U2 fez com Kurt Loder em estúdio, falando com os quatro membros da banda em monitores da TV.

“Uma coisa sobre as estrelas de rock & roll é que elas são maiores que a vida, maiores do que o público, elas são quase intimidantes”, Loder diz à projeção em vídeo da banda. “Bem, toda essa produção é assim. Isto não é repugnante? Isto não mata a intimidade?”

“Isso acontece, com certeza”, Bono concorda. “Mas você está ótimo”.

Corta para uma cena do Mirrorball Man gritando: “Ponha suas mãos sobre a tela!” Há mais cenas do show e então de volta para Loder que pergunta: “Você acha que o público está ganhando algo com isso tudo?”

“Sim”, diz Larry. “Estão vindo a um show de rock & roll e assistindo televisão. O que mais se pode querer?”

As pessoas que assistem a premiação da Billboard em casa vêem as pessoas na TV aplaudindo essa montagem que acabaram de ver na TV. Larry não quis tomar parte de tal bobagem. Ele fez sua escapada habitual. Adam está contente de estar em casa em sua mansão nas colinas. Ele vive em uma casa enorme em vinte acres em Rathfarnham, ao sul de Dublin, com vista para ocolégio interno que o expulsou quando era adolescente. Há boatos que Neil Young ao ver o castelo de Adam teria dito: “Essa é a casa do baixista?!” O baixista coleciona arte e às vezes disponibiliza seu palácio para que os amigos artistas o usem como estúdio. Embora seja o mais festeiro do U2, Adam tem um lado bucólico: não se importa em ser o Lorde da Mansão Clayton.

“Adam é na verdade um cara bem pé-no-chão, um sujeito caseiro”, seu irmão mais novo Sebastian observa. “Essa é a sua principal luta ou desvantagem. Ama o rock & roll e toda aquela vida de rock star, mas também gosta, ele mesmo, de plantar um carvalho em uma manhã ensolarada de domingo. Ele tem tentado duramente lidar com essa contradição. Especialmente no último ano ou dois, penso que ele está achando isso muito difícil”.

A família britânica de Adam se mudou para a Irlanda quando seu pai, um piloto, aceitou um trabalho na Aer Lingus quando Adam tinha cinco anos. Eles se estabeleceram em Malahide, um belo subúrbio de Dublin que ainda parece e dá sensação de ser uma vila dos anos 1940. Os Claytons tornaram-se amigos de uma outra família britânica de colonos na cidade, os Evans. O jovem Adam ia à escola primária com o pequeno Dave Evans antes de ele ser conhecido como Edge. Os meninos foram então separados pelo cruel conselho de diretores da escola. Depois que Adam foi expulso por não dar a mínima para nada, ele aterrissou em um colégio onde voltou a se juntar a Dave na Mount Temple School, onde conheceu Larry e Bono.

Bono conta uma história engraçada sobre ir com Adam, aos dezesseis anos, para invadir o internato St. Columba, depois que Adam foi expulso. Sendo protestante, Bono tinha conhecido algumas pessoas diferentes - Mount Temple era um colégio muito aberto com seus costumes e aceitava garotos católicos e protestantes - mas como Adam não havia comparação, Bono não conseguia acreditar. Eles pularam o muro e um amigo de Adam os convidou para ir ao dormitório. Um sujeito bastante solícito, chamado Spike, enfiou a mão no bolso de sua jaqueta e tirou um pacote de haxixe. O quarto estava decorado com pôsteres de Hendrix e eles diziam coisas como: “você tem ouvido o álbum novo do Beck?” Então todos pegavam guitarras e as tocavam com um estupor hippie, extasiados. Ali, imaginava Bono ao escutá-los, era onde Adam aprendia todos aqueles termos técnicos - “gig”, “fret”, “jamming” - que tanto havia impressionado Bono, Edge, e Larry que eles imaginaram que ele era algum tipo de gênio musical e eles tinham que tê-lo na banda. Bono ficou impressionado ao perceber que todos naquele lugar falavam daquele jeito!

O diretor descobriu sobre as aparições noturnas de Adam e enviou aos seus pais uma carta educada, mas sutilmente ameaçadora, que está agora emoldurada acima do vaso sanitário na mansão de Adam, a mansão de onde se avista St. Columba e onde as trilhas de caminhada e os jardins fazem fronteira com a propriedade da escola, como um glorioso dedo médio sendo mostrado à escola que o expulsou e um exemplo comovente a todos os garotos presos lá, dando a entender que há pelo menos uma alternativa à perpetuação do sistema britânico de aulas que a escola adota, com suas políticas.

A marca que St. Columba deixou em Adam, segundo seus companheiros de banda, era o péssimo hábito do internato de ficar próximo à suja lixeira dos pratos, com um garfo esperando para salvar as sobras de comida de outras pessoas. Edge diz que Adam espera pela sobra de uma batata, com a vigilância de um falcão para espetá-la do lixo. “Mesmo agora”, Edge insiste, “se Adam estiver andando por um corredor de hotel e ele vê algo deixado do lado de fora, em uma das bandejas do serviço de quarto, ele vai estender a mão e pegar”.

“Eu o vi salvar a metade de um hambúrguer”, Bono argumenta, exaltado, “com a dentadura postiça de um outro hóspede ainda nele!”

Entre os pintores que têm usado a casa de Adam como estúdio, há três artistas com exposições iminentes: Paul Hewson, Fionan Hanvey, e Derek Rowan, que, em seus anos de adolescência, apelidaram uns aos outros de Bono, Gavin Friday e Guggi. Guggi é um artista por profissão e os cantores Bono e Gavin certamente se consideram homens de visão dignos de serem compartilhados. Eles se comprometeram em fazer uma exposição conjunta em uma

galeria de Dublin na primavera e agora eles têm que produzir algumas obras de arte para encher a galeria.

Quando eram adolescentes e com vinte e poucos anos, Guggi e Gavin lideraram os Virgin Prunes, uma teatral banda de rock experimental, inspirada nos tempos da brilhantina e que às vezes traziam também Adam, Edge e Larry como acompanhantes, e o irmão mais velho de Edge, Dick Evans, como convidado na guitarra. Eles frequentemente tocavam com o U2 no Project Arts Center de Dublin, uma galeria/espço teatral dirigida por Jim Sheridan (que se tornou um cineasta internacional com filmes tais como “Meu Pé Esquerdo”). Os provocadores-confrontadores Virgin Prunes usavam maquiagem e vestidos e arriscavam ter suas cabeças arrebitadas por garrafas toda vez que subiam no palco.

Às vezes tem sido duro para os amigos adolescentes de Bono manter a amizade com ele já que o U2 cresceu - não porque Bono e Ali não dão atenção a eles, mas porque os amigos têm que lidar com as críticas de outras pessoas, não tão ricas, chamando-os de aproveitadores e perguntando por que estão andando por aí com um rock star. Isso exige esforço de ambos os lados para não deixar que a fama e a riqueza não atrapalhem a amizade.

Gavin é mandão, extrovertido e sempre ligado. Ele é o conselheiro mais próximo do U2 que não está na folha de pagamento do Principle. Quando a banda está tão atolada em trabalho para decidir algo por si mesma, eles dizem: “Envie para o Gavin”.

Em seus próprios shows, Gavin usa um estilo cabaré dos anos 30 como ponto de partida para a música que é irônica, assertiva, e provocadora, frequentemente na mesma música. Gavin pode expressar a sua expressividade no palco ao sorrir largamente e oferecer a mão para cumprimentar as pessoas que estão na frente, mas mesmo esse tipo de gesto alegre assume um ar de ameaça depois de ele ter estado uivando e pulando alguns instantes antes. Em seus álbuns (às vezes produzidos pelo recorrente Hal Willner) Gavin alterna ironia e atuação com a ternura.

Juntos agora, Gavin, Guggi e Bono pertencem àquele grupo de amigos que se comunica com acenos, grunhidos e gestos que, quem não pertence ao grupo, não consegue compreender. Guggi (que fala suavemente e agora tem cabelos na altura dos ombros no estilo Hippie, que o Prunes combateu até a morte) deixa Bono falar sobre seu recente encontro com o artista Jeff Koons, um provocador pós-Warhol mais conhecido por esculturas em cerâmica de Michael Jackson e seu macaco, e heróicos bustos dele mesmo olhando para o céu e com mamilos inchados. Uma vez chamaram-no de afeminado, depois o chamaram de brega, então, pararam de chamar. Bono diz que Koons está disposto a se envolver com o segundo ano da Zoo TV e disse a Bono que o U2 estava sendo bem mais generoso nesses shows do que eram no passado. Bono ficou surpreso com a afirmação e quis saber como a proposital superficial Zoo TV era mais generosa que os acolhedores shows do passado. “Ele disse que no passado, nós estávamos ditando as emoções para o público, agora nós estamos deixando em aberto para eles decidirem, por eles mesmos o que sentir”.

A filosofia de Koons sugere que, com grande parte da cultura contemporânea dedicada a tentar obter alguma resposta emocional das pessoas, a arte mais honesta é uma escultura de

vidro de um filhotinho, ou uma daquelas pinturas de pequenas crianças de olhos grandes – porque aquela óbvia, brega, simplória arte que põe a mostra sua intenção é a única arte que não está oferecendo uma manipulação subliminar. Depois de descrever o discurso de Koons, Bono espera por uma reação de Guggi, mas tudo que sai de sua boca é uma baforada de fumaça. Finalmente Bono diz: “Você não acredita nisso, não é?”. Guggi diz: “Não”. Bono e Guggi têm essa discussão há anos. Bono diz que arte é sobre ideias e Guggi diz que não, arte é sobre pintura.

Parece-me que, quanto mais Bono traz sua filosofia de “arte é sobre ideias” para o U2, particularmente no trabalho mais recente da banda, todas essas ideias não significariam nada se a arte da banda não estivesse também *na pintura*, na música. A objetividade emocional, a simplicidade, que o rock & roll tomou do blues e do country está sempre no coração da música, no seu atrativo. Levou apenas alguns anos para que as pessoas se habituassem ao som do rock & roll básico, antes que esta objetividade começasse a parecer um clichê. Então, novos ângulos tinham que ser encontrados para surpreender o ouvido e manter a música fresca sem corromper a objetividade do rock. Assim como tivemos os Beatles, que usavam harmonias não convencionais para reviver os velhos clichês do rock & roll. Dylan fez isso com suas letras – “Subterranean Homesick Blues” revitalizou Chuck Berry e “Like a Rolling Stone”, como destacou Phil Spector, deu uma nova cor para “La Bamba”. De Hendrix ao country rock, passando pelo reggae e pelos Sex Pistols, até chegar ao *Achtung Baby*, o rock & roll trouxe inovações sonoras que nos permitem ouvir uma música simples como se nunca a tivéssemos ouvido antes. Mas sempre, se a música em si não merece ser cantada, ninguém irá ouvi-la. “One” e “Until the End of the World” e “Love Is Blindness” são grandes canções – a arte está na pintura. As *ideias* que as tornam gravações inovadoras são, no final, importantes apenas porque elas nos permitem ouvir as músicas com ouvidos renovados.

Reunidos uma noite na Factory ¹, Edge e Bono estavam brincando com algumas músicas novas. Ali permitiu que Bono voltasse para casa depois do México e deu-lhe um prazo até janeiro para voltar ao normal. Não é uma tarefa fácil. Ele comparava notas com Edge, que não tinha um lar para onde voltar e estava ansioso por uma distração. Eles estavam improvisando ideias para novas músicas, gravando cassetes, e tornando-se ambiciosos com relação a sessões de gravações no meio do inverno.

Eu sugeri para Bono, certa tarde que, se Edge queria trabalhar porque não tinha uma casa para onde voltar, tinha sorte de poder contar com ele – o homem que nunca vai para casa.

“Mas, olhando de uma perspectiva bem diferente”, Bono diz bruscamente. “Eu posso deixar a *minha* casa porque eu sei que ela ainda estará lá”.

¹ Local de ensaios e trabalho do U2 em Dublin.

Pergunto a Bono se a jornada longe de seu casamento é o que tem motivado Edge a continuar trabalhando. “Eu não sei”, diz Bono, de forma incômoda. “Eu acho que ele está tentando descobrir o que ele quer. E eu não consigo imaginar o que é...” Bono faz uma pausa e olha para o meu gravador. Então ele diz: “Isso é uma coisa difícil de dizer para um civil, e aos quatro ventos. Eu odeio essa ideia de trabalho pesado. Se você perguntar ao Edge ou a qualquer um dos outros, nós não achamos que trabalhamos duro, realmente. Não comparado com muitas outras pessoas. Mas nós temos uma certa tenacidade. Nós iremos nos agarrar ao calcanhar de alguma coisa. Nós não vamos desistir”.

“Mas vamos supor, para o benefício desse raciocínio, que isso é trabalho pesado. Fazer todas essas coisas e não ter apoio em casa é inimaginável. Eu não sei como, com o relacionamento terminando, Edge deu um jeito de encontrar energia. E é justo dizer que houve momentos em que ele certamente não conseguiu e não foi fácil para nós também. Definitivamente há períodos em que as pessoas de distanciam de tudo e isso pode durar até um ano. Pode durar muito tempo. Mas de uma forma geral eu acho que ele deu um jeito de se manter bem”.

Uma noite, Dick Evans, em visita de Londres, onde ele está finalizando seu doutorado, passou na Factory para buscar o seu irmão Edge para jantar e dá de cara com Gavin e Guggi, que estavam lá com Bono. A reunião dos Virgin Prunes não evoca quaisquer abraços ou agradecimentos. Olhando-os jogar conversa fora fica difícil imaginar que esse artista de cabelos compridos, esse impassível ator de clubes noturnos, e esse tranquilo acadêmico estiveram alguma vez juntos em uma banda de rock – mas é isso que as pessoas em Liverpool podem estar dizendo hoje de John, Paul e George, se Brian Epstein não tivesse aparecido.

As reminiscências que eles compartilham não são do Prunes ou dos novatos U2, mas daqueles coloridos personagens que eles lembram ter circulado na cena dos clubes de Dublin nos anos 70. Todos eles contam fascinados, lendas sobre um personagem durão que chamaremos de “F”, que levou os garotos para baixo de suas asas. Descrito por diferentes testemunhas como um “poeta” e um “ator”, “F” também é engrandecido nessas lendas por resolver discussões arremessando mesas através de janelas de restaurantes. Bono e Edge dizem que ele conquistou a amizade deles nos primeiros anos quando uma banda punk chamada Black Catholics, que costumava atirar garrafas no U2, tentou invadir um show do U2 no Project Arts Center. “F” estava trabalhando na portaria, e brigou para manter os encenqueiros fora enquanto eles tentavam entrar. Finalmente, do palco, o U2 viu “F” desaparecer lá fora com os Black Catholics, e ouviram o som de gritos e quebra-quebra. (Como eles ouviram os sons acima dos amplificadores? Eu já ouvi essa história mais de uma vez e em cada uma delas os detalhes se tornam cada vez mais vívidos.) Então “F” voltou feliz como um pássaro. O U2 perguntou a ele o que aconteceu e ele sacou um facão e explicou: “Eu os familiarizei com a realidade da violência”.

Eu pergunto se este é o mesmo “F” com quem Bono, Edge e Gavin estudaram mímica. “Sim, foi”. Edge ri. “F” em calças colantes era algo digno de se ver”.

Dick diz que viu “F” recentemente. De acordo com sua história, Dick e alguns amigos encontraram “F”, que os convidou para darem uma passada em seu quarto no elegante Shelbourne Hotel, na St. Stephen’s Green. Eles subiram e ficaram surpresos ao ver que “F” tinha uma grande suíte na cobertura. O poeta deve ter vendido um soneto ou ganhado na

loteria. “F” implorou para que os convidados ficassem e aproveitassem o serviço de quarto. Então ele começou a pedir champagne. Quando, depois de horas de celebração, os convidados estavam cansados e bêbados, “F” insistiu que todos dormissem lá, onde havia espaço suficiente. Dick acordou no dia seguinte se sentindo um pouco atordoado e foi até o banheiro. No espelho, “F” havia escrito: “Eu vejo vocês, antes de vocês me verem – ‘F’”. “Dick percebeu que tinham caído numa armadilha. “F” tinha saído do hotel e dito à gerência que os cavalheiros na cobertura iriam acertar a conta. Dick e seus amigos tiveram que escapar pelo elevador de serviço.

“É engraçado”, diz o pai de Edge. “Cerca de duas vezes por ano você lê nos jornais: ‘O U2 está prestes a se separar’. Isso me faz rir, porque as pessoas que escrevem isso, obviamente, não sabem nada sobre eles. Eles cresceram juntos. Eles às vezes têm suas diferenças, não há dúvida, como teria qualquer família. Mas as arestas foram aparadas umas contra as outras. Eles são uma extensão das famílias um do outro e eu devo dizer que eles aderiram muito bem a isso. E eles também são caras fáceis de lidar. Eles não são iguais e se complementam, uns aos outros. Eles são um bom time”.

Eu fiz arranjos para ir à Malahide e tomar um chá com Garvin e Gwenda Evans, duas pessoas que irradiam decência e gentileza, apesar de terem gerado um U2 e um Virgin Prune.

“Acho que eu nunca os vi”, diz Gwenda sobre os Prunes. “Eles não me diziam onde os shows deles aconteciam”.

“Eles nos indicavam os lugares errados”, explica Garvin.

Eles prestaram bastante atenção na banda de Dave. Garvin teve uma reunião com Paul McGuinness para se certificar de que ele era um sujeito decente antes do U2 assinar com o empresário. (Bono avisou seu pai para não tentar fazer a mesma coisa). Quando Edge terminou em Mount Temple ele pediu permissão a seus pais para adiar o início da universidade por um ano para dar uma chance ao U2. Eles disseram que tudo bem, e quando aquele ano terminou o U2 tinha um contrato de gravação. Nesse ponto Edge disse a seu pai para não se preocupar – mesmo que seu primeiro álbum fracassasse, ele poderia sempre encontrar algum trabalho como músico de estúdio.

“Eu acho que eles foram realmente afortunados por ter a Island Records e Chris Backwell”, diz Gwenda. “Ele deixou que eles se desenvolvessem à sua própria maneira. Eu não acho que ele tenha exercido demasiada pressão sobre eles. A pressão veio da sua própria auto-motivação. E eles sempre foram trabalhadores, Dave especialmente. Ele estava sempre trabalhando na música”.

O lado negativo disso, dizem seus pais, é que quando a música para, é mais difícil para o Edge do que para os outros três.

“Deixa um vazio maior em Dave”, diz sua mãe. “Ele talvez tenha estado mais envolvido nisso do que os outros. É como seu pai, quando Garvin se envolve com qualquer coisa, ele se envolve de corpo e alma. A primeira vez que fomos esquiar, ele comprou um livro sobre como esquiar, ele queria saber como distribuir o peso. Eu sou mais instintiva, por isso eu caí

algumas vezes. Garvin realmente quer ir a fundo e saber como tudo funciona, e o Dave é igual. Creio que ele fica bastante envolvido mentalmente e acha difícil voltar para a vida normal, por falta de uma palavra melhor. Seria muito bom se ele encontrasse um passatempo gratificante ou começasse a jogar golfe”. A senhora Evans se dá conta que isso soa meio bobo e ri.

O senhor Evans, um golfista, não acha tão má ideia: “Por que não?”

“Eu não acho que ele tenha alcançado esse estágio”. Ela sorri. “Mas, você vê, essa é uma das dificuldades para os quatro garotos. Eles não têm...”

“Anonimato”, diz o senhor Evans.

“Sim, Ele é muito bom em pintura, na verdade; ele gosta de desenhar. Mas esse é um tipo de hobby solitário, na verdade. Eles têm que ser muito cuidadosos com o que escolhem, pois são muito mais conhecidos agora”.

“Eu notei, estando na companhia de Dave, que a sua fama deu um salto quântico ultimamente”, diz o senhor Evans.

“Anteriormente, eles eram conhecidos por todos que estavam envolvidos com o rock & roll, fãs e pessoas jovens”, explica a senhora Evans. “Mas eu acho que agora isso acontece também com o público em geral. Eles lêem toda essa bobagem nos jornais sobre os milhões que eles supostamente têm”.

“A gente assiste coisas como o *Top of the Pops*”, diz o pai de Edge, e ri: “Não admira que eles achem o U2 tão bom!”

Depois do Natal, o U2 é polido e enviado à Inglaterra para receber um troféu no Brit Awards. Adam diz que pareceria ingratidão se eles não fossem, mas eles sempre têm que tentar deixar claro nessa cerimônia em particular que o U2 não é britânico. Este ano eles foram indicados em categorias “internacionais” e venceram o prêmio de Most Successful Live Act Award (Apresentação ao Vivo de Maior Sucesso).

“Quando você está envolvido no negócio da televisão”, diz Edge ao aceitar o prêmio, “e esse é o negócio em que nos encontramos hoje na Zoo TV, tudo se resume aos índices de audiência. Muito obrigado”.

Bono, esplêndido em seu luxuoso terno vermelho de veludo e óculos, anuncia: “Nunca na história das turnês de rock & roll tanta besteira foi criada para tantas pessoas por tão poucos. Obrigado a toda equipe da Zoo TV e lembrem-se, crianças, o bom gosto é o inimigo da arte”.

Adam dá um passo a frente e diz: “Nos anos 80 costumávamos acreditar que ‘menos é mais’. Eu acho que nos anos 90 nós descobrimos que mais é ainda mais”.

“Só uma última coisa”, diz Larry cortando a conversa fiada. “Gostaria apenas de parabenizar o Greenpeace e seus apoiadores por finalmente, finalmente terem chegado a Sellafield ¹ e colocado todos para correr. Obrigado”.

Este não é apenas o encerramento de 1992. É o sino de abertura para 1993.

¹ Sellafield é o nome da usina nuclear, perto da cidade e da estação de trem de Seascale, Inglaterra.
